



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Memórias: reflexões descoloniais

José Jaime Freitas Macedo

jjaimemacedo@gmail.com

jaime.macedo@univasf.edu.br

Univasf / Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Quando, tomando por perspectiva teórica uma leitura descolonial, nos interpelamos questionando sobre as nossas construções identitárias e as representações que daí emergem, estamos exercendo a lógica epistêmica descolonial em toda sua amplitude. Ao contrário de outras construções teóricas, como aquelas ligadas à Modernidade, que pautam sua leitura dos processos sociais em afirmar-se como única forma possível de *explicar* este mesmo mundo/sociedade, a perspectiva descolonial fala autoreferenciadamente sobre o modo como aquele lugar de representação a partir do qual esta teoria se desenvolveu *traduz* o contexto social. O nosso olhar expressa nesta perspectiva teórica um discurso identitário afirmativo sobre si e uma inquietude acerca do mundo. Esta inquietude não significa, necessariamente, um desejo de hegemonia sobre o outro, e sim, na maioria dos casos, expressa a nossa *tensão* com os outros lugares de representação. Todo este processo articula-se com as memórias sociais que nos constroem e nos representam. Memórias que configuram os nossos lugares de representação e a nossa temporalidade. As memórias são processos vivos e não estanques porque o tempo todo as traduzimos fazendo-as referências para o nosso presente e o nosso devir.

Palabras clave

Palavras chave: Memórias, temporalidades, Descolonialidades.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Teoria Descolonial

A Teoria Descolonial pode ser concebida como uma ferramenta para romper com amarras mentais que nos põem numa condição de subordinação e/ou exclusão. Este processo requer a construção de uma percepção de si mesmo que não seja vitimizada e/ou inferiorizada. Tal reconhecimento passa por um processo de desconstrução epistêmica de conceitos e de práticas sociais que estão relacionados a um discurso hegemônico e opressivo. Descolonizar-se também pode ser entendido como um trabalho baseado na construção de uma leitura sobre os processos sociais e sobre a nossa relação com o mundo que toma por base uma relação tensa e dialógica.

Porém, este processo não ‘tem que se dar’, não é um caminho determinístico. Ele pode ser traduzido como a resultante lógica deste contexto de descolonização/descolonialidade. Ou seja, não é obrigação, mas consequência e, ao mesmo tempo, produtor do processo de descolonização/descolonialidade. Portanto, ter uma leitura descolonial não é caminho para produzir uma *doutrina descolonial*. Doutrina não rima com descolonialidade. O que significa dizer que quem pensa descolonialmente não se propõe a convencer os outros sobre seu posicionamento teórico-social nem em sala de aula, nem no campo de pesquisa, nem nas reuniões com órgãos e/ou grupos, nem em lugar nenhum. Defender ideias e explicitá-las é perfeitamente aceitável. Querer que os outros as assumam sem refletir sobre, não.

Nem, sequer, tem certezas e age dentro de uma linha rigorosa o tempo todo. A perspectiva descolonial entende que não há definições acabadas, nem certezas estabelecidas. Existem vivências e estas podem mudar conceitos e rumos. A não-linearidade não significa ausência de caminhos, apenas aponta para a multiplicidade e validade destes. Entretanto, nem estes processos podem ser vistos como um fenômeno natural, nem como algo irreversível ou que não possa ser desconstruído. Os discursos não são eternos, são construções sociais limitadas dentro de determinados contextos histórico-sociais, que influenciam o processo de construção dos *lugares de representação*. Continuando este detalhamento conceitual, argumento que todo discurso para ser coerente precisa



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ter uma organicidade e uma lógica internas a serem seguidas tanto nas falas, bem como no agir social. Caso isto não ocorra, a leitura discursiva se fragiliza porque perde coerência. Uma construção teórica descolonial sobre o mundo requer um envolvimento do sujeito numa nova lógica discursiva que significa uma reconfiguração da sua maneira de pensar, de traduzir e de agir em sociedade. Assim, descolonizar-se significa reconstruir o mundo segundo uma nova lógica operativa que proceda no sentido de uma nova tradução deste mundo e que esta tradução represente o lugar epistêmico e social deste sujeito. O que não significa construir uma nova Ciência ou produzir interpretações descoloniais sobre tudo. Nem, também, dizer para o outro ‘libertar-se’ e seguir novas ideias que são, por acaso, as leituras descoloniais.

Esta postura seria tão colonialista quanto qualquer outra. É outra lógica de memórias e temporalidades que se desenvolve no sentido de um tempo múltiplo e não linear, bem como, de memórias reconstruídas a cada momento e que reconfiguram o passado, ressignificando e reconstruindo o presente e o futuro. Desta maneira, entendo que existem Epistemologias Descoloniais (sempre no plural, devido a não homogeneidade de caminhos e possibilidades) como constituídas a partir dos *lugares de representação* e desenvolvidas como processos não acabados, nem unívocos ou fragmentados, mas como processos que representam uma *tensão* constante entre os vários conceitos e aquilo que eles buscam traduzir. As memórias aqui jogaram um papel fundamental através da oralidade e de outros caminhos para reconfigurar um passado, uma ancestralidade, há muito ‘esquecida’, subsumida.

Do mesmo modo, as identidades descoloniais foram e são construídas a partir das experiências dos grupos que buscam romper as amarras coloniais. Estas vivências são seculares e/ou milenares. As ancestralidades dos povos originários em África e que foram disseminadas pelas Américas e, também, as dos povos autóctones das Américas são exemplos daquilo que estou dizendo. Elas nos trazem experiências sociais que se desenvolveram com perspectivas que o discurso descolonial assimilou porque este está se remetendo a tais povos. Em outras palavras, a Teoria Descolonial escuta e aprende com os povos e grupos sociais. Ela não pretende ser ‘O Caminho do



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Conhecimento’, apenas busca ser o espaço tradutivo destas experiências ancestrais no campo das Ciências Sociais. Desta forma, o estabelecimento de uma relação dialógica entre os/as pesquisadores/as e os povos que estes contatam é fundamental.

E vale destacar que, na maior parte dos casos, os pesquisadores descoloniais pertencem àqueles grupos sociais e/ou povos com os quais está se estabelecendo esta relação dialógica. Aqui, de novo, múltiplas tensões emergem e elas não são descartadas no procedimento de leitura teórica. Ao contrário, são valorizadas dentro daquilo a que se propõem na relação social. Estes são alguns dos *lugares de representação* de onde emerge a Teoria Descolonial. E as memórias destes/as pesquisadores/as e as pessoas ‘investigadas’ vão se confrontar, disputando representações e reconstruindo discursos sobre os processos sociais em estudo. Desta forma, as identidades descoloniais são traduzidas de um jeito diferente do discurso Ocidental Moderno porque elas se constituem de um modo diferente que, mesmo reconhecendo a influência das leituras que as outras pessoas fazem de si, esta identidade é construção autoafirmada e partindo de dentro e não imposta de fora do grupo como a Modernidade enxergou as identidades dos ‘Outros’, daqueles grupos humanos que foram excluídos.

Construir uma relação neste contexto implica em primeiro lugar saber respeitar as pessoas e ouvi-las sem pôr-nos acima delas. Este é o princípio de uma relação em que há uma base de relativa igualdade. Colocarmo-nos como aqueles que magnanimamente permitem-se ouvir o outro que não tem titulação acadêmica, estabelece uma relação de Colonialidade dos Saberes que não encontra amparo na perspectiva teórica descolonial. A dialogia, que implica tensão e conflito, disputa de ideias e de posições e, centralmente, postura transparente, sem tergiversações é o nosso caminho de pesquisadores que se pretendem descoloniais. E não poderia ser de outro jeito.

Vou introduzir duas ideias da Física para trabalhar algumas questões nesse texto. São eles, Pontes de Einstein-Rose e Entrelaçamento Quântico. As primeiras seriam as ligações entre buracos negros (já identificados) e buracos brancos (nunca identificados). Os buracos negros como portas de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entrada e os buracos brancos como portas de ejeção. Proposta em 1935 por Albert Einstein e Nathan Rosen, nunca pôde ser provada. Em 2013 os físicos Leonard Susskind e Juan Maldacena propuseram que a teoria do entrelaçamento quântico e a da ponte de Einstein-Rosen poderiam ser a mesma coisa. Este foi proposto por Einstein, Rosen e Boris Podolsky e propõe que partículas diferentes podem interagir de uma maneira tal que transmitam informações quânticas mesmo a muitos anos luz de distância. Isto poderia ser a representação real das pontes interdimensionais propostas anteriormente. Ideia que nem Einstein aventou. Transponho estas teorias da Física para uma leitura em Ciências Humanas pela sua força de analogia porque teoricamente permitiria múltiplas conexões, ao mesmo tempo, desmontando a perspectiva de relações binomiais lineares, rompendo com a relação centro-periferia, por exemplo.

Além disto, vislumbro que em todos os campos da Ciência desenvolvemos teorias tal qual entendemos (ou pensamos entender) o mundo dentro de um determinado contexto histórico-social. Se a Física Newtoniana foi proposta dentro de um contexto de fundação da Modernidade que preconizava a busca de uma Verdade exata e linear, resultando no campo da Física o mundo tridimensional do nosso dia a dia; Se as mudanças sociais vividas no final do século XIX e início do século XX se articulam com rupturas paradigmáticas ocorridas em vários campos da Ciência Ocidental Moderna e umas acabaram por modificar a forma de percepção das outras; Podemos dizer que estamos vivendo algo parecido nos dias que correm, numa perspectiva de multidimensionalidade. E não se trata primazia de um campo científico sobre outro, mas da forma como o Ocidente Moderno foi percebendo os processos sociais e os fenômenos naturais e, a partir daí, construindo uma leitura sobre uns e outros, enfim, produzindo Ciência Moderna. Próprio desenvolvimento da Teoria Descolonial é tributário de fontes tanto Ocidentais, quanto de outras experiências civilizacionais. Afinal, é uma teoria que surge dentro daquilo que é concebido como Ciência Ocidental Moderna e isto não pode ser desconsiderado. Mas não invalida a sua ruptura epistêmica com este cânon.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ao pensarmos-nos enquanto pesquisadores descoloniais assumimos uma postura ético-política que implica numa profunda coerência discursiva que estabeleça pontes de Einstein-Rosen ou Entrelaçamentos entre os nossos lugares de representação pessoais e aqueles lugares de representação com os quais estamos dialogando epistemicamente e tomando-os momentaneamente como objeto de pesquisa. Esta relação dialógica, tensa e conflitual, como toda relação humana pode ser traduzida como ato político, práxis social e teoria social. Não há distanciamento porque este, numa perspectiva multidimensional, simplesmente não pode ser medido. Está centrado numa construção epistêmica sólida porque se desenvolve dentro de um processo consensuado que estabelece normativas não centradas, mas acordadas. E isto não significa engessamento epistêmico porque o processo está em constante revisão baseado que está numa leitura tensa e conflitual. Toda esta construção nos conduz a dizer que não fazemos pesquisa para estabelecer A Verdade, nem verdades. Estamos pesquisando para viver melhor conosco e com os nossos semelhantes.

Identities e lugar de representação

Entendo que o conceito de identidade pode ser traduzido como toda a forma de representação através da qual uma pessoa ou um grupo social de qualquer tipo se percebe enquanto portadores de um conjunto de características próprias que lhes dão significado, ou que lhes permitem se reconhecer como produtores e/ou portadores dos referenciais que esta forma de representação construiu. Então, por inumeráveis circunstâncias, estas pessoas ou grupamentos sociais constroem empatia por estas características, produzindo um discurso identificador com as mesmas. Identidades podem representar pertencimento e ruptura porque acabam por criar laços de integração, bem como leituras de diferenciação, exclusão e estranhamento a depender do conteúdo discursivo ao qual estão associadas.

A depender do referencial teórico em evidência as identidades podem ser lidas, também, como construções que emanam poder e/ou representam localização porque submetem e classificam como no Discurso da Modernidade. Por outro lado, segundo a leitura discursiva da Modernidade, uma



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

identidade pode ser polarizada como figura-espelho de outro discurso identitário, tornando-se, assim, subordinada a este outro discurso identitário. Ou que, quando tomamos a perspectiva descolonial, elas estabelecem posições discursivas autônomas das quais também derivam representações de poder, todavia, sem localizar subordinadamente outros grupos e, por tanto, ser multirelacional porque os lugares de representação abrem pontes múltiplas entre si. Ainda podem, através da construção de um discurso autônomo e auto-referenciado, conforme ocorre dentro da perspectiva teórica da Descolonialidade, romper com o poder hegemônico do discurso da Modernidade sem tomar este lugar de representação que se pretendia dominante como seu opositor central, porque a leitura binomial centro-periferia não faz sentido neste campo discursivo.

As identidades descoloniais são auto-afirmadas e isto não representa o retorno a um essencialismo. Traduz apenas o reconhecimento de si sem, contudo, negar as influências dos outros sobre si. Ao contrário, é justamente por reconhecer estas influências e o valor destas que o respeito ao Outro se produz por ver neste um igual, como um portador de lugares de representação tão válidos quanto os teus, mesmo que absolutamente conflitantes com aqueles que carrega. A diferença do Discurso Descolonial para outras leituras discursivas está em reconhecer as influências, mas não as tomar como únicas e/ou norteadoras da sua identidade. Esta também é constituída como processo multidimensional e, portanto, não são fruto de um único contexto, de uma só influência. Isto não significa que nossas identidades sejam fluidas ou transitórias. Para a Descolonialidade, a mutabilidade está relacionada à multirelacionalidade e a percepção do mundo como contextual e, portanto, não precisa ser tomada como trânsito, entendendo este como impermanência, a mudança pode ser percebida como processo. E este como sequência coerente e articulada com aquilo que existia antes sem continuar a mesma coisa. Se trânsito for tomado desta forma, ele é processo. Só que processo tem um caráter de permanência muito maior que transitoriedade. E o discurso Pós-moderno tem problemas com a permanência porque tentava romper com a Modernidade que se alicerça na permanência.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O centro desta polêmica, contudo, não está em trânsito ou permanência. O problema é *quem* estabelece estas condições, *quem* produz as identidades. Na Modernidade a natureza de quem determina as identidades está centrada num Um dominante que fixa e estabelece as identidades de *todos os Outros*. Na Pós-modernidade, visando fugir desta determinação, aparentemente ninguém determina as identidades (estas, pelo trânsito, acabam por perder sentido). E *os Outros* se tornam fluidos, mas o UM permanece invisível e intocado. Nós, descoloniais, trabalhamos como o reconhecimento mútuo, o que significa que EU reconheço que existem Outros, mas sei que estes se percebem como UM e me veem como Outro. Cada UM deles procede desta maneira em relação a todos os outros, porque são múltiplos. E todos são lugares de representação, tanto o meu, quanto o de cada um outro. Sem que nenhum seja superior. Daí que, ninguém nomeia os outros. E todos se constituem identitariamente com as diversas influências que cada um sofre, mas reconhecendo-se como o resultado de uma multiplicidade de fatores e este resultado sendo nomeado por si.

O transito é uma invenção do outro, que é o UM invisível pós-moderno, sobre o nós. Aqueles que marcavam as identidades modernas agora querem desmarcar as identidades pós-modernas e descoloniais. Como em relação às identidades modernas e pósmodernas, eles as inventaram, fazem esta desconstrução muito bem. Só que em relação à Descolonialidade, isto não é possível porque as identidades descoloniais não partem do pressuposto epistêmico ocidental. O essencialismo em si mesmo é uma invenção desta filosofia ocidental já que busca uma essência última, uma verdade final do ser. Nós não procuramos isto, nós nos traduzimos enquanto aquilo que nos enxergamos. E tradução nunca é busca de uma verdade última do ser ou de qualquer coisa. Assim, as leituras de Bauman sobre aqueles que são heróis e vítimas pós-modernos são uma boa tradução desta continuidade epistêmica entre Modernidade e Pós-modernidade.

A perspectiva descolonial do *lugar de representação* constrói discursos identitários que são afirmativos e autocentrados, mas, que não tem parentesco com a lógica discursiva da Modernidade. As identidades na Teoria Descolonial são configuradas deste *lugar de representação*. É neste processo que, ao se autoreconhecerem, os grupos sociais e as pessoas vão criando um conjunto de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

elementos representativos, e estes elementos vão moldando uma leitura específica de mundo, e esta configuração desenvolve-se num duplo movimento reforçando a identidade nascente e este conjunto de elementos representativos, passa a ser convalidado pelo discurso identitário que neste processo vai se constituindo. Assim, a validação não é feita por um elemento exterior, mas é um reforço interno, feito a partir das experiências do indivíduo ou grupo portador daquela identidade. Estes elementos representativos são expressão das suas memórias, das suas representações identitárias anteriores, das suas vivências outras, enfim, de uma série de processos que resultam das *tensões sociais* às quais aquele processo de construção identitárias esteve submetido. Esta pode ser uma outra tradução do *lugar de representação*.

Ao mesmo tempo, o discurso identitário descolonial não lê um processo de articulação como uma lógica de engessamento, mas como a possibilidade do contato gerador de conflitos, tensões, contradições, negociações, relações/processos sociais. O lugar de representação pode ser traduzido, também, como espaço de construção destas identidades que não ficam imobilizadas, nem localizadas, nem fluidas, nem transitórias, nem subordinadas. Todavia, estas identidades não são portadoras de uma, ou mesmo, de múltiplas verdades. Elas são o resultado das articulações das experiências vividas, das múltiplas memórias, dos discursos construídos e enovelados naquele lugar de representação. O sujeito moderno, síntese do ideário da unidade do Homem, perde o sentido no discurso descolonial. Este Homem Uno, Senhor da Criação, não existe. Nem, tampouco, Uma Humanidade como representação de unidade, de superioridade e de separação do mundo. Existem seres humanos, com diferentes representações de Humanidade e esta fazendo parte do mundo.

Desta maneira, negros e autóctones das Américas, bem como, todos aqueles que se tornaram americanos como habitantes deste Continente múltiplo, não precisam se revelar ou reivindicar o status de humanos ou de igualdade com quem quer que seja, eles são aquilo que eles se reconhecem. Não há a necessidade de uma chancela de um outro para convalidar a sua identidade. Africanos, Árabes, Indianos, Chineses e tantos *outros* se representam pelo que se reconhecem. Podendo, muitas vezes, desconfigurar estes estereótipos Ocidentais Modernos. Isto não desconhece as



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

relações de poder existente entre e intra grupos humanos, mas munícia para romper ou reequilibrar estas relações.

Sobre a relação seres humanos e Natureza vale para a perspectiva descolonial a mesma tensão das relações sociais. A primeira discussão é onde começam e terminam cada um. A separação Moderna em dois mundos não faz sentido no discurso descolonial porque os seres humanos não precisam se reconhecerem como diferentes do ambiente *natural* para constituírem suas identidades, uma vez que esta não é oposicional àquele. Somos humanos porque nos reconhecemos enquanto tal, mas não em oposição ao não-humano. Não precisamos desconstruir os outros e nos afirmar como superiores em relação a estes para nos reconhecermos como humanos.

Ler o mundo sob este enfoque descolonial pretende ser uma experenciação de uma desconstrução epistêmica de discursos de subalternização, o que é a mesma coisa que passar a pensar com a própria cabeça. Teoria Descolonial e práticas descoloniais se constituem, como enovelamento. Este ocorre naquilo que chamo de *lugar de representação* de cada grupo ou pessoa que se descoloniza e que passa a pensar e agir descolonialmente. A sua construção, por ser um enovelamento no sentido de um articular e desenvolver o outro vai ocorrer ao mesmo tempo. E tal processo está intercambiado com os outros que ocorrem nos diversos lugares de representação de são os territórios de outros grupos. Isto se assemelha muito ao processo de *envolvimento* proposto por representantes de comunidades tradicionais, a exemplo do Sr. Antonio Bispo dos Santos, *o Nego Bispo*, representante das comunidades quilombolas do Território de Desenvolvimento Sustentável Serra da Capivara¹ e do Estado do Piauí, Brasil.² Ele mesmo um mestre dos Encontros de Saberes

¹ Conceituação política que se originou de um Programa de Políticas Públicas do Governo Federal, na primeira Gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003/2006). Este Programa, chamado Territórios de Cidadania e de Desenvolvimento foi gestado até 2015 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. Estava centrado em Políticas de Desenvolvimento Agrário da Agricultura Familiar. Com a extinção deste ministério após o golpe político contra a Presidente Dilma Roussef, o Programa é extinto. O Governo do Estado do Piauí começa a construir um novo projeto que absorve os territórios de cidadania que constituem este Estado brasileiro (que são 12) e amplia a sua atuação para todas as ações de políticas públicas transformando-os em Territórios de Desenvolvimento Sustentável. O Território de Desenvolvimento Sustentável Serra da Capivara é constituído por 18 municipalidades do Sudeste do Estado do Piauí.

² O conceito de envolvimento foi proposto por Bispo na forma como as Comunidades Quilombolas usam em conversas pessoais e em mesas redondas e afins, como a realizada no I CIIERD 2017 – Congresso Internacional Interdisciplinar de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

promovido originalmente pela UnB³ e replicado por diversas universidades públicas no Brasil. Estes Encontros de Saberes trazem para dentro da Academia, na condição de professores com notório saber pessoas como o Nego Bispo e estabelecem uma relação dialógica onde é a universidade que sofre e recebe as influencias epistêmicas de outros saberes.

Esta postura é política e teórica. Neste sentido não estamos inventando nada de novo. Outras teorias já fizeram este processo de articulação entre o político e o teórico, muitas vezes escondido, outras vezes, explicitado. Quando discursamos deste modo estamos explicitando que queremos trilhar um caminho nosso. Que estamos propondo *um* caminho. Não temos pretensão de que este seja *O* caminho, mas é aquele que estamos nos dispendo a seguir. Se outras pessoas e grupos irão pelo mesmo caminho esta é uma decisão *delas*. Isto é inovador porque não estamos querendo impor a nossa concepção teórico-política ao mundo.

A perspectiva discursiva descolonial não é somente um ‘não querer mais’ como discute Frantz Fanon, ela passa por ver-se e sentir-se portador de uma identidade que emana de si mesmo (a), não desconhecendo as influências operadas pelos outros em si mesmo. Isto não significa desconhecer as relações de opressão existentes no mundo, mas de reconhecer-se capaz de lidar com as mesmas porque não está aprisionado no círculo vicioso que estes discursos pretendem lhe encarcerar. Significa não traduzir-se a partir do outro e de suas lógicas, mas reconhecer a possibilidade de propor outras lógicas desde si mesmo, das suas vivências e representações. Este é o lugar de representação. A leitura descolonial não se constitui como um repositório de verdade, como um novo caminho a ser seguido por todos. Ela propõe uma leitura que fala de um determinado lugar de representação e que traduz a este lugar de representação. Ela cabe ali. Pode ser traduzida para outros lugares de representação, mas não pretende colonizar nenhum outro destes lugares. Assim, pensar numa perspectiva descolonial implica traduzir e relacionar-se com a experiência de muitas epistemologias que não estão aprisionadas dentro do discurso ocidental.

Extensão Rural e Desenvolvimento, sob o título: Violência no Campo e Direitos das Comunidades Tradicionais, ocorrida no Campus Juazeiro/Ba da Univasf, Espaço Multieventos, auditório principal, em 30/10/2017, das 13:30 às 15:00.

³ Universidade de Brasília, Instituição Pública de Ensino Superior, localizada em Brasília/DF.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A diferença subalterna se exprime no *lugar de fala* de Homi Bhabha que percebo ter equivalência com a singularidade *alephiana* de Jorge Luis Borges. O discurso do envolvimento e da circularidade temporal quilombola dialoga fortemente com ambos. Traduzo todos como lugar de representação por entender ser um termo mais amplo e pertinente, porque compreendo que o lugar de representação articula as identidades pertencentes a este, bem como, os seus discursos, temporalidades e as memórias associadas a estes processos. Ao mesmo tempo, ele é polarizado por estas memórias, temporalidades, identidades e discursos. E este emaranhamento se explicita na sua conceituação quando ele é comparado ao *buraco de minhoca* da Física, justamente por seu enovelamento e por sua capacidade de se conectar com múltiplos lugares de representação ao mesmo tempo.

O universo das redes sociais na internet é uma boa representação deste processo. Cada lugar que nós construímos nestas redes representa uma singularidade, um lugar de representação. Dali nos conectamos multiplamente, ou não, sem estar, necessariamente, presos a um centro. Além disto, a singularidade é um ponto de inflexão em que a própria visão tradicional da Modernidade de tempo linear perde o sentido. Articulado esta leitura com a compreensão da Física Multidimensional e da Teoria do Multiverso que entre os Universos o que há é o Nada e que, portanto, não cabe falar de distâncias, tempos e espaços entre os Universos, pois não se pode falar em escalas de medida onde não vigoram constantes físicas. Podemos extrapolar para a nossa perspectiva descolonial que temporalidades, memórias, discursos e representações identitárias não são mais vistos como processos separados, mas como construções de nossas identidades, de nossos lugares de representação. Num primeiro movimento, esta leitura se parece com a ideia do *eterno presente* Pós-moderna, mas a singularidade não um representa um insulamento do tempo. Ela pode ser traduzida como um lugar onde os processos se embaralham e mutuamente se influenciam: o lugar de representação. Assim, o passado e o futuro não desaparecem num presente pasteurizado. O tempo circular das comunidades e religiosidades de matrizes africanas e nas comunidades quilombolas, baseado no envolvimento e na negociação, na possibilidade de seguir por vários caminhos e não por



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

um só, também espelha com maestria esta leitura. Quando eu observo as relações sociais a partir de uma perspectiva de tempo circular e não linear eu posso repensar processos e traduzir eventos sem estar amarrado a um determinismo ou a uma causalidade estrita. O processo do envolvimento prescinde da necessidade de estabelecermos uma verdade e um caminho vencedor. A multifatorialidade entra em cena abrindo margem a outros tipos de compreensão dos eventos.

No discurso descolonial memórias, identidades, lugares de representação e discursos se constroem e se entrecrocamos dando conformação àquilo que convencionamos chamar de processos sociais. E, portanto, configurando as temporalidades descoloniais. Estas não assumem uma escala linear e/ou evolutiva. São construções montadas e desmontadas, a todo o momento, ao sabor dos interesses das pessoas e grupos. Tais temporalidades não são fixas e, portanto, as memórias, as identidades e os discursos não são fixos. Só que, ao contrário daquilo que argumenta o discurso pós-moderno, isto ocorre a partir do lugar de representação e, desta forma, configura interesses, identidades e discursos que podem se afirmar porque são auto referenciados. E isto é diferente da ideia pós-moderna de identidades deslocadas por um discurso hegemônico que as faz transitórias, deslocadas.

Entendo o lugar de representação como um território simbólico que está presente no conjunto das lutas sociais. É, dentro do campo teórico descolonial, o espaço da construção identitária e é, também, um portal para as pontes multidimensionais que ligam uns lugares de representação a outros. Eles, neste aspecto, são os vetores que canalizam as relações conflituais, de articulação, de negociação, de tensão, de acordos entre os diversos grupos humanos e, também, entre as pessoas. Estes lugares de representação ao mesmo tempo em que são os *loci* onde as Identidades Descoloniais se configuram e a partir de onde se representam, também são configurados/construídos por estas identidades. É um duplo movimento que está enroscado em si próprio, tal qual uma corda trançada ou como um *Buraco de Minhoca* interdimensional. Some-se a isto que as identidades na leitura teórica descolonial não são expressão de uma verdade subordinadora ou revolucionária. Elas se constituem como expressão do auto reconhecimento, da autoconsciência pessoal ou grupal com todas possibilidades que daí emergem. Neste sentido, o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conceito *lugar de representação*, no melhor estilo teórico descolonial, se configura como o lugar da gênese do discurso da Descolonialidade e se transforma neste mesmo no seu processo de desenvolvimento. Assim, a construção identitária pode ser vista como um processo autocentrado desenvolvido a partir de um lugar de representação que lhe é próprio e, portanto, autônomo, mas que não é construída do nada. Cada discurso identitário tem suas referências externas das quais se apropria para construir as suas bases epistêmicas.

Se os lugares de representação são o ponto de entrada e de saída destas estradas interdimensionais, intersocietais, interdisciplinares e se cada lugar de representação não tem distância entre si porque o que há entre eles escapa a uma escala de mensuração, então as distâncias entre eles são representações simbólicas estabelecidas a partir do modo como cada lugar de representação traduz o mundo. Deste modo, não faz sentido conceber um processo social de separação entre as formas de representação identitárias. Cada um é o que é, porque se constituiu desta forma. E esta pessoa ou grupo traduz-se desta maneira porque apossou-se de constructos sociais com os quais se vê identificada. Eles estão ao seu lado, ao seu derredor, dentro de si. Nesta perspectiva, não valem os parâmetros tridimensionais para construir uma referência para a tradução das relações e dos processos de produção das identidades. Somente pensando em termos de multi/transdimensionalidades é que podemos entender as construções identitárias assim desenvolvidas. Este processo pode ser traduzido como a construção de uma perspectiva epistêmica que se espalha na própria discussão sobre identidades, que entendo desta forma:

O pensamento discursivo desenvolvido a partir desse conceito está centrado na perspectiva de representar-se a partir de um lugar autônomo e que não está numa condição subordinada e periférica. Ao construirmos nossas identidades, falar de uma posição como esta é extremamente significativa porque permite-nos interpelar aqueles com os quais disputamos poder numa posição que não é de pedinte ou de devedor, mas na condição de proponente, de quem tem projetos e quer viabilizá-los. A disputa passa, então, a ser por projetos, propostas de construção da sociedade. Obviamente que isto não nos faz desconhecer as relações de subordinação/exclusão existentes no processo social. Trata-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

se de um procedimento epistêmico, que ajuda a construir um lugar de representação que é político e social, pois constrói as nossas identidades e o nosso discurso. Aqui emergem os discursos negros, indígenas, latino-americanos, africanos, árabes, feministas e de tantos outros e de pesquisadores com uma leitura descolonial.

A constante tensão discursiva existente nestas perspectivas que rompem com o estatuto colonial e que passam a pensar com a própria cabeça ouvindo o eco do grito de Frantz Fanon, fazem emergir uma outra lógica teórico-política que não mais se rebela, mas que se afirma, discute, debate suas ideias e as coloca na condição de propostas de tradução do mundo para os outros lugares de representação. Esta construção não é pacífica, mas conflituosa. Não se pretende unívoco em qualquer um destes lugares de representação. São experiências de vida e as traduções feitas no âmbito destes *loci* que, tensionadas, vão conformando as nossas identidades. Somos aqui que representamos, aqui que traduzimos como memórias. O nosso tempo é o tempo da memória, não como representação do passado, mas como tradução/reconfiguração das nossas identidades.

Memórias e temporalidades

Aprofundo agora leituras da Teoria da Descolonialidade sobre as memórias e as temporalidades. Assim, entendo que a leitura discursiva descolonial se configura num campo epistêmico em construção em cujo movimento constitutivo as temporalidades e memórias desempenham um papel fundamental. Entendo que uma leitura descolonial possível pode ser concebida como sendo, aquela em que as memórias são o processo de ressignificação do vivido desde as vivências e os interesses daquele grupo ou pessoas e que, desta maneira, reconfiguram e revivenciam aquilo que convencionalmente chamamos de passado. Considerando que o tempo da Modernidade pode ser traduzido como a sequência linear que vem do passado e que leva a experiência dos eventos históricos como referencial que ajuda a construir as experiências e os processos sociais no presente, projetando o futuro; compreendendo que o presente desta mesma Modernidade é construído como um momento efêmero, que remete à concretização dos eventos no futuro; considerando que o tempo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pós-moderno pode ser entendido como o lugar do eterno presente, com passado, presente e futuro confinados num mesmo momento, e tendo o passado perdido a condição de referencial de experiências para o presente e o futuro; entendo que a partir da interpretação sobre memórias e temporalidades posta mais acima, o discurso descolonial traz uma perspectiva de temporalidade diferente.

Isto porque o que as pessoas e os grupos constroem como memória não é uma leitura literal dos eventos vivenciados, mas o modo como estes eventos foram vivenciados por estas pessoas e/ou grupos e como estas vivências modificaram as suas interpretações daquilo que experienciaram. Daí resulta que os fatos vividos, configurados nas memórias das pessoas e dos grupos, retornam ao momento atual como o produto das suas reelaborações sobre o vivido. E estes emergem sempre que eles são reconstruídos identitariamente por uma pessoa ou grupo que os enxergam de uma maneira particular.

A Teoria Descolonial não concebe um tempo eterno e imutável, conforme o discurso da Modernidade quer fazer crer ou um processo não-linear e confinado num lugar, como entendeu a Pós-modernidade. A temporalidade descolonial pode ser traduzida como a representação das experiências e processos sociais vivenciados e pensados através das memórias, das identidades, dos lugares de representação e dos discursos. Sob este ângulo, compreendo que no Campo Teórico da Descolonialidade o passado pode ser representado pelas memórias e, portanto, ele é múltiplo como são as memórias e é reconfigurado a cada instante, porque as memórias são sempre trazidas de volta e elas reemergem sempre diferentes, representando o processo de uma maneira nova, sempre. Assim, são reelaboradas a cada tradução. Isto porque o que as pessoas e os grupos constroem como memória não são representados numa uma leitura literal dos eventos vivenciados, mas do modo como estes eventos foram vivenciados por estas pessoas e/ou grupos e como estas vivências modificaram as suas interpretações daquilo que experienciaram.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Daí resulta que os fatos vividos, configurados nas memórias das pessoas e dos grupos, retornam ao momento atual como o produto das suas reelaborações sobre o vivido. E estes emergem sempre que eles são reconstruídos identitariamente por uma pessoa ou grupo que os enxergam de uma maneira particular. O passado está vivo. Entretanto, ele não substitui o presente no discurso da Descolonialidade. Ele é tradução, não é substituição. Até porque, não se pretende único e/ou totalizador. As ancestralidades negras, indígenas e latino-americanas são evidências disto. Estes grupos enxergam a possibilidade de uma circularidade temporal, que não representa um processo de repetição de eventos, mas a possibilidade de, ao invés de ter uma seta do tempo, ter várias apontando em várias direções, sem, necessariamente, seguirem uma linha reta. E isto escapa às armadilhas do determinismo moderno, bem como, a interpretação Pós-moderna que propõe para a tradução deste lapso temporal, a transformação em eterno presente, que extinguiu o passado e o futuro.

No discurso da Teoria Descolonial o retorno do passado através da memória é um processo que se configura como uma reconstrução ou tradução e não como uma substituição do tempo e dos processos sociais que existiram ou existem. Estes tiveram sua existência num determinado momento que não é o agora e estão sendo aqui recontados, traduzidos de acordo com os interesses das pessoas e grupos sociais que agora vivem. Desta forma, o tempo da memória não compete com o tempo do lugar de representação. Eles se articulam, numa relação dialógica tensa, conflituosa, mas sem se pretenderem excludentes. Ao contrário, em inúmeras circunstâncias os processos de construção das memórias e dos lugares de representação se articulam. O que fica óbvio para o discurso descolonial é que não há ‘Um passado’, mas diferentes temporalidades representadas pelas memórias que disputam legitimidade com outras temporalidades, com outras memórias.

Esta ideia traz a pergunta: cabe a cada lugar de representação somente uma identidade ou um lugar de representação pode comportar várias identidades? Entendo ser fora de dúvidas que cada identidade identifica-se com pelo menos um lugar de representação. Entretanto, os lugares de representação podem não ser limitados a comportar apenas uma identidade, ou então, devemos



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

conceber os lugares de representação como processos com fronteiras interpenetráveis em relação a outros lugares que lhes são próximos por afinidades e com isto emergiriam estruturas mais amplas, ou níveis diferenciados de lugares de representação dos primeiros, que seriam monoidentitários, sendo estes últimos multi-identitários. Na Física existe a interpretação que explica o fato de que seres pertencentes a um espaço com menor quantidade de vetores dimensionais não conseguem perceber as outras dimensões que têm mais vetores dimensionais que a sua. Assim, um ser que está capacitado a viver e perceber apenas em três dimensões não consegue enxergar as dimensões que se seguem ou um ser bidimensional não consegue enxergar a terceira dimensão e as posteriores.

Não se pode trazer esta condição de limitação e/ou de incapacidade natural para a leitura das Ciências Sociais. A relação aqui está para a construção de discursos que produzem perspectivas que condicionam a percepção dos processos sociais de uma determinada maneira. Desta forma, podemos traduzir esta leitura dizendo que a construção discursiva influencia o modo como os integrantes/portadores daquela lógica de discurso operam em relação aos contextos sociais. Foi assim que as Ciências Sociais olharam por muito tempo com menosprezo para povos e nações e os classificaram de “atrasados”, ‘primitivos’, ‘bárbaros’. Como consequência disto, muitas políticas sociais foram desenvolvidas para tirar estes povos/nações do ‘atraso’, do ‘subdesenvolvimento’, da ‘barbárie’ e conduzi-los, finalmente, à ‘civilização’.

Enquanto articulação entre ato e fala, discursos descoloniais se configuram como expressão síntese da temporalidade descolonial. Isto porque se as temporalidades são resultantes dos processos sociais e no campo da Descolonialidade a memória e as identidades, bem como os lugares de representação são elementos articuladores de sua temporalidade, os discursos, para esta corrente teórica, são os elementos estruturantes das identidades, dos lugares de representação e das memórias, sendo, por consequência, elementos constitutivos das temporalidades descoloniais. E da forma que os discursos são estruturados por estes elementos temos a configuração dos lugares de representação descoloniais aqui concretizada. Assim, conforme o discurso da Descolonialidade, as identidades são um dos eixos constitutivos de qualquer lógica discursiva. Cada discurso tem o seu lugar de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

representação que o gera, articula e dá consistência e coerência ao mesmo. Por outro lado, as perspectivas discursivas fundamentam os lugares de representação e trazem nexos referencial às respectivas identidades. É um emaranhamento que traz consigo a lógica da Descolonialidade.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Bibliografía

- BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998;
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998;
- BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008;
- GROSFÓGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais**. Transmodernidade, pensamento de fronteira e Colonialidade global. Tradução: Inês Martins Ferreira. Acessado in: www.eurozine.com. Data do acesso: 26/09/2013;
- MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais, Projetos Globais**. Editora UFMG, 2003;
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. pp.227-278;
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.